

A close-up, high-angle portrait of an elderly woman with short, wavy, grey hair. She is looking slightly to the right with a gentle, thoughtful expression. Her skin is wrinkled and has some age spots. She is wearing a dark brown jacket. The background is out of focus, showing a hint of a green wall.

ABRE ASPAS HELENA KATZ
CRÍTICA DE DANÇA

**«O Brasil é
moderno,
não é
contemporâneo»**



Texto **TATIANA MENDONÇA** tmendonca@grupoatarde.com.br
Foto **FERNANDO VIVAS** fvivas@grupoatarde.com.br

A carioca Helena Tania Katz ainda terminava a faculdade de filosofia quando foi convidada para escrever sobre dança num jornal. Desde pequena, assistia a apresentações no Theatro Municipal do Rio de Janeiro, mas não via como uma coisa podia se ligar à outra. Vencida pela insistência do apelo, resolveu estudar. Passou dias e dias “internada” na Dance Collection, seção especializada da Biblioteca Pública de Nova York. Depois de cinco anos de pesquisa, decidiu que estava pronta para a tarefa, mas só teve coragem de assinar com pseudônimo. Seu primeiro texto foi publicado em 1977, no *Jornal da Tarde*, e o caminho fez-se sem volta. Passou pela *Folha de S. Paulo*, onde tornou-se Helena Katz, e desde 1986 é a crítica de dança de *O Estado de S. Paulo*. No mesmo ano, criou o Centro de Estudos em Dança, posteriormente rebatizado como Centro de Estudos do Corpo, que coordena na PUC-SP, e vê cada vez mais seu tempo tomado por atividades acadêmicas. Há um ano, ela dá aulas na Universidade Federal da Bahia e observa com interesse a cena produzida aqui. “Esse traço afro-salvadorenho precisa ser melhor entendido”.

Como a senhora compara o momento em que começou a escrever sobre dança, há 34 anos, com a cena de hoje?

O que modificou completamente a produção foram as leis de incentivo. Elas foram um marco divisor de bastante complexidade. Sempre houve produção de dança, mas jamais na quantidade que se vê hoje. Isso tem um aspecto positivo e outro negativo. O positivo é que, quem sabe, ainda possamos acreditar na máxima marxista de que de tanta quantidade ainda virá alguma qualidade... Não é o que se tem encontrado. A quantidade vai produzindo cada vez mais quantidade. Mas acho que vai chegar o momento em que essa situação vai incomodar tanto que seu eixo produtor vai precisar ser modificado. É uma hipótese.

Então a agradavam mais os espetáculos que a senhora via antes...

Não é que me agradavam mais. Havia um outro entendimento do que era um espetáculo de dança, a quem ele se destinava. E as dificuldades eram imensas... O que é necessário é pensar formas de financiamento da produção que sejam irrigadoras daquele ambiente anterior, mas que não sejam produtoras de uma hemorragia inestancável de produtos, como se estivessem todos no mesmo saco, todos no mesmo perfil. É preciso que o País acorde para a necessidade de reposicionamento da produção. Nossos editais são muito generalistas. E genérico em cultura não tem o mesmo valor do genérico na área de saúde.

Que outras formas de apoio deveriam ser fomentadas além dos editais?

Muitos já perceberam a inadequação do edital como única figura jurídica para repasse de dinheiro público. Nesse mo-

mento, o País inteiro se mobiliza para a confecção de programas mais estáveis, que tentem reposicionar essa excessiva produção. Em São Paulo, há um movimento que se chama A Dança Se Move, que é conduzido pelo Mobilização Dança e pela Cooperativa Paulista de Dança. Eles convocaram bailarinos e tiveram reuniões mensais na Câmara dos Vereadores. Ao fim de um certo tempo, foram montados grupos de trabalho. Um dos grupos está pensando num programa de profissionalização para jovens que chegam ao mercado. E aí outro grupo está pensando num programa para companhias que têm mais de 20 anos. Isso é entusiasmante, porque há uma mobilização coletiva em torno de uma necessidade, que é pensar programas mais estáveis ao longo do tempo, que possam incentivar a continuidade, o desenvolvimento.

Esse aumento da quantidade dos espetáculos também está vinculado a um experimentalismo excessivo?

Não vejo assim. Essa quantidade tem a ver com uma circunstância muito evidente. O que as leis de incentivo permitem? Como elas privatizam dinheiro público, transformam os departamentos de marketing das empresas em guichês de financiamento. Então tem muito dinheiro nos guichês, que pode ser transformado em dinheiro para a produção. Além disso, tem os editais, que são genéricos, então todo mundo que quiser circular entra no edital de circulação, tenha um dia de formado ou mil anos de formado. À medida que todos podem, todos se

«Aqui (na Bahia) tem o uso da técnica, híbrida de contaminações entre técnicas modernas e de matrizes afro-brasileiras»

sentem capazes de poder. Somado a isso, há um traço cultural da nossa sociedade que se baseia num entendimento de que cada vez mais é o mundo do eu. Há uma autoautorização que funciona como regra geral. Todos nós estamos autorizados ao que quisermos. Você põe no seu Facebook o que você quiser. Isso é muito bom, mas, ao mesmo tempo, nos estimula cognitivamente a práticas cuja transferência para outros domínios já não é tão boa. Publicar minhas ideias lindas e maravilhosas no Facebook é diferente de fazer um espetáculo porque acho que minhas ideias são lindas e maravilhosas. Recentemente, alunos meus de graduação, muito jovens, disseram para mim: 'Helena, a minha metodologia de ensino, a minha pesquisa, a minha linguagem...'. Isso não acontecia antes. Porque de fato ele acredita que o mundo começou na hora que ele começou no mundo. Antes, você não se aventuraria a se manifestar em algo que você não conhece direito. Mas agora você se aventura. Em termos artísticos, isso tem consequências. Aventurar-se é muito desejável, sem isso a gente não sai do lugar. Mas se aventurar por um

terreno que você já mapeou é diferente de aventurar-se pelo ato de aventurar-se, acreditando que não se faz necessário conhecer nada. Então é muito desagradável precisar dizer para alguém que aquela ideia genial, maravilhosa, não é exatamente dele... A gente está cada vez mais habituado ao instantâneo, à mensagem que acabou de chegar, ao que está bombando agora no Youtube.

Um fenômeno não tão recente assim é o imbricamento da dança com o teatro e com as artes visuais. A senhora imagina que a gente vá viver uma radicalização disso, que as fronteiras vão se perder?

Acho que vão ser mantidos todos os caminhos, o dos segmentados—que só se interessam por uma coisa—e os não segmentados, que são atravessados pelo inevitável contágio que as linguagens fazem quando estão caminhando pelo mundo. Isso é inevitável. Mesmo esses, que ficam segmentados, respiram um pouco o ar da contaminação. Mas, cada vez mais, mais formas de contaminação vão sendo possíveis. E também mais formas de segmentação.

E, hoje, como é que a senhora faz para escolher o que vai assistir?

Não escolho, sou obrigada a ver tudo, e aí é o que cabe... Em São Paulo, a produção é tão excessiva que algumas coisas não cabem na semana, mesmo indo ao teatro todas as noites que têm espetáculo e me dispondo a ver dois no sábado e dois no domingo. E, para escrever, uso alguns critérios, como falar de um trabalho que converse com muitas pessoas,

que estimule reflexões, que discuta assuntos importantes da dança, do País, do mundo. E tento não escrever sobre trabalhos que, naquele momento, eu pondere que a crítica não possa conversar com ele, construir um caminho para, porque o trabalho ainda é muito frágil, não se constituiu ainda como um objeto artístico que mereça esse nome.

A senhora acredita que esse aumento do número de espetáculos também gera um aumento do público em geral?

Teria que fazer uma pesquisa para saber, mas, por frequentar muito esses ambientes, não poderia dizer

que houve um aumento de público. Houve, sim, um aumento de público qualificado da área. Hoje, são 32 graduações de dança no País, então tem muito mais gente estudando do que tinha há 30 anos. É claro que essas pessoas mantêm um pouco esse movimento. Mas, nos jornais, o espaço é quase nada para dança, o que significa que não há um interesse público enorme.

Como a senhora explica essa falta de interesse?

É um círculo de vícios. Houve uma mudança grande no jornalismo cultural, contaminado pelo entendi-

mento de arte e entretenimento. Então a dança, que continua perto do entendimento de entretenimento, sempre tem espaço no jornal, e sempre tem público. A dança, a música, o teatro que se afastam do entretenimento vão tendo menos espaço. Uma baita exposição de um meganome internacional tem espaço em tudo que é lugar. A exposição daquele pintor brasileiro maravilhoso, não. Os fenômenos midiáticos se alimentam dos fenômenos midiáticos. Quem não está nessa roda não existe, e o público não conhece. Se não se romper a barreira da incomunicabilidade, não há como mexer nessa



APRESENTA

CONSUELO RADCLYFFE

MOMENTOS

Esculturas em cerâmica

21 DE SETEMBRO A

06 DE NOVEMBRO DE 2011

DE TERÇA A DOMINGO DAS 9H ÀS 18H

ENTRADA FRANCA

CAIXA CULTURAL SALVADOR

RUA CARLOS GOMES, 57 CENTRO

SALVADOR-BA 40060-330

PROGRAMA EDUCATIVO AGENDAR PELO TELEFONE (71) 3421 4200

www.caixa.gov.br/caixacultural



LIVRE PARA TODOS OS PÚBLICOS

Tema: Exposição

PROJETO

ATALHO produções

PATROCÍNIO

CAIXA

BRASIL
PAÍS RICO E PAÍS SEM POBREZA

situação de o público não frequentar espetáculos não só de dança, mas de arte contemporânea.

A Bahia tem o curso de dança mais antigo do País, mas aqui não há uma companhia forte, que tenha reconhecimento nacional. Por que isso acontece?

As universidades, no mundo inteiro, não têm a função de abastecer o mercado. Seu papel é produzir reflexão. Esta universidade, durante muito tempo, foi o eixo de distribuição de informação de dança, especialmente quando tinha a Oficina Nacional de Dança Contemporânea, que fazia de Salvador o eixo de circulação das produções de todo o

País. Talvez fosse o momento de pensar o que estaria no lugar da oficina hoje, na segunda década do século 21, capaz de produzir o mesmo tipo de irrigação, de aglutinação. Tenho a impressão de que não seria somente um festival... Seria interessante buscar esse novo modelo.

A senhora vê algum traço que diferencie as produções baianas das que são feitas em outros estados do País?

Noto, sim. Aqui tem um traço que tem me interessado muito, que é um certo entendimento moderno do uso da técnica, híbrida de contaminações entre técnicas modernas e de matrizes afro-brasileiras. É muito en-

tusiasmante ver, mas é também muito perigoso, porque todo povo colonizado não dá valor ao que é seu, só dá valor ao que é do colonizador. Então essa desvalorização é ameaçadora, porque periga que esse traço, que tem tanta vitalidade, não se desenvolva evolutivamente e fique confinado, só se repetindo. Aí não é bom. Só é bom se ele se transforma. Esse traço afro-salvadorenho, sabe, afro-sotero, precisa ser melhor entendido, valorizado, porque é um entendimento moderno, mesmo, não é contemporâneo. Mas o Brasil é moderno, a gente tem que entender isso. Tem pedaços contemporâneos, mas é moderno. «

PÓS-GRADUAÇÃO

-  **Docência do Ensino Superior e Gestão do Trabalho Pedagógico**
-  **Enfermagem em Emergência**
-  **Administração Hospitalar**
-  **Auditoria em Sistemas de Saúde**
-  **Saúde Pública com ênfase na ESF**
-  **Enfermagem em UTI**

ÚLTIMAS VAGAS

INFORMAÇÕES:

(71) 3205-3555 / 3205-3593

TRAGA ESTE ANÚNCIO
E GANHE 10% DE DESCONTO*
NO CURSO

 **FACULDADE
SÃO CAMILO**
Bahia

www.saocamilo-ba.br